



CONHECIMENTO E IMAGEM

Claudia Caimi. UNIJUI

INTRODUÇÃO: O mundo contemporâneo, seguindo o rastro da tradição platônica, aponta para separação de dois discursos: o da razão, caracterizado pela busca da verdade, através de uma lógica da não-contradição, e o imagético, de cunho mitopoético, constituído por aspectos imaginativo-ficcionais, lúdicos e imaginários. Também indicam a separação de duas dimensões sociais da formação humana moderna: a escola, lugar da transmissão e produção de conhecimentos (produtos da razão) e a mídia, lugar de circulação e consumo da cultura hoje, para alguns, lugar de uma nova percepção que se mostra fragmentada e acelerada. Neste conjunto, a escola incorporou o discurso da razão; a mídia, o discurso mitopoético. No entanto, o distanciamento necessário à racionalização do objeto também é provocado pela visibilidade do mundo moderno, aproximado estes dois discursos a partir da sua constituição, oferecendo-se como verdades que devem permanecer externas ao homem, não interferindo no seu modo de ser e de agir. A reflexão que este projeto de pesquisa pretende desenvolver é evidenciar outras formas de conhecer a partir da caracterização do discurso mito-poético e da aproximação deste com o conhecimento racional. A partir do pensamento de Walter Benjamin, que acolhe o conceito na imagem, propondo um modo de conhecer em que os conceitos devem ser lidos nos fenômenos, resgata-se a dignidade da imaginação através da valorização da imagem como fenômeno que concentra a idéia, possibilitando uma compreensão da imagem como forma de saber. **MATERIAL E METODOS:** Esta é a terceira etapa da pesquisa intitulada A lógica da captura, o pensamento mito-poético na formação escolar, em andamento, que neste momento discute como Walter Benjamin faz uma aproximação do discurso mito-poético com o conhecimento. **DISCUSSÃO:** Walter Benjamin faz uma aproximação do discurso mito-poético com o conhecimento a partir do acolhimento do conceito na imagem, evidenciando novas formas de conhecer, Ele toma o conjunto *mythos/logos* como um projeto emancipador, denunciando que o projeto iluminista de desvincular radicalmente a razão do pensamento mítico acaba por tornar-se mitológico – reificado. Benjamin não se torna um partidário do mito, mas reconhece a impossibilidade de eliminá-lo do conhecimento, o aceita a fim de melhor conhecê-lo, buscando não explicá-lo através de conceitos, mas revelá-lo através de seu próprio método: a imagem. Benjamin nega o pensamento regido pela lógica da identidade e a da não-identidade no processo dialético e sucessivo da contradição e recomposição. Substitui este por uma lógica da semelhança em que nunca há identidade entre sujeito e consciência e sim uma contigüidade, um “ao mesmo tempo” que possibilita, em alguns momentos, como relâmpagos, figurações privilegiadas, imagens, que não negam o outro, pois este está como uma presença ausente que se manifesta nas correspondências no tempo e no espaço. Benjamin abandona a proposição clássica da formulação do conhecimento de que a verdade se manifesta nas idéias, e os conceitos mediam as idéias e os fenômenos, adotando um pensamento por imagens. Pensar por imagens implica paralisação do pensamento que, na apreensão do mundo, se depara com uma constelação tensa (confluência de formulações) em que confluem as idéias, as ações, as imaginações, as representações numa similitude figurativa. Diante dessa tensão, o pensamento pára, deparando-se com a própria incapacidade de formular uma síntese ou uma reconciliação imediata que leve o movimento adiante. Apresenta-se então uma imagem, fruto da suspensão da dialética, do arrebatamento do curso da história, que assume a estrutura de uma mônada. A mônada, enquanto suspensão do pensamento, congela em si a totalidade do processo histórico, pois ao mesmo tempo em que arranca o objeto da continuidade histórica,



cristalizando-o num fragmento, apresenta o que está além dela numa concentração, intensidade temporal, em que o agora retém o passado num encontro fulgurante. A verdade que tal conhecimento constitui não é a da síntese, mas a da cisão temporal que revela o agora da cognoscibilidade, integrando na imagem uma unidade que submete um procedimento alegórico e uma crítica salvadora. Nesse sentido, Benjamin propõe um modo de conhecer em que os conceitos devem ser lidos nos fenômenos, resgatando assim a dignidade da imaginação através da valorização da imagem como fenômeno que concentra a idéia.